

O ESPELHINHO

António Torrado

escreveu e

Cristina Malaquias ilustrou



24 de Fevereiro
Terça-Feira de Carnaval

Naquela terra não havia espelhos. Nem nunca tinha havido.

Era uma aldeia longe de tudo, onde nada chegava. Nem espelhos.

Uma vez, o senhor Chamisso, lá da aldeia, foi à cidade. Ih, que assombro! Ruas, carros, gente com pressa, casas altas de pasmar...

Atarantado, o senhor Chamisso o que queria era voltar para a sua aldeia. Ia a passar por uma loja e viu, na montra, um espelho.

– Olha o retrato do meu pai – exclamou.

O pai do senhor Chamisso tinha morrido há anos e não era de estranhar que o filho estivesse parecido com ele.

Entrou na loja e comprou o espelho. Depois, com o espelho embrulhado debaixo do braço, voltou para a aldeia.

Chegou já era noite.

Na manhã seguinte, quando acordou, virou-se para a mulher, ainda meio estremunhada, e disse-lhe:

– Calcula o que eu encontrei, na cidade. Nem mais nem menos do que o retrato do meu pai. Vai tu ver, que o deixei embrulhado, na cozinha.

A mulher calçou os chinelos e, ainda desgrenhada e mal pronta, foi ver. Quando desembulhou o espelho, indignou-se:

– Ai que mentiroso que é o meu marido. A dizer que tinha trazido o retrato do pai, quando o que trouxe para casa foi o retrato de uma marafona, com cara de porca.

E foi fazer queixa à mãe.

– Só queria que a mãe visse a feiosa que ela é, toda mal pronta e esguedelhada. Uma pouca-vergonha de uma mulher!

– Deixa estar, filha, que eu vou ver e, se for como tu dizes, a gente dá uma desanda no teu marido.

A mãe foi espreitar o espelho.

– Ai que velha avantesma! – gritou.

Com o susto, largou o espelhinho, que caiu no chão e se partiu em mil bocados.

Pois foi assim tal e qual. Naquela família continuaram a não saber o que era um espelho... Melhor para eles...

FIM